

## ANEXO II - RESUMO EXPANDIDO

### **Espaços De Memória, Patrimônio E Educação: Uma Narrativa Possível.**

(Apresentação oral)

O presente resumo reflete sobre a inserção de práticas educativas em espaços de memória no desenvolvimento e formação do indivíduo. Sobre como relações estabelecidas entre suas narrativas pessoais e as narrativas propiciadas pelos espaços podem contribuir nessa trajetória, em busca de uma educação integral, valorizando a expressão pessoal e o comprometimento com o coletivo. Alicerça-se nas recomendações da Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972), nos preceitos da nova museologia, da museologia social, onde os espaços de memória devem se abrir a comunidade.

Narrativas espaciais possíveis – Os museus passaram por muitas modificações ao longo dos anos, mas sempre mantiveram seu status de lugar de guarda de coisa significativas onde se memoriza e perpetua o que de raro e caro culturalmente o humano e a sociedade produzem. São espaços físicos ou virtuais, que se resignificam a todo momento por meio dos registros que trazem consigo, os fazeres e saberes das comunidades onde estão inseridos, tornando-se referência ao apresentar narrativas diversas as diversas configurações de olhares sobre seu acervo e ações. Mais que “lugares de memórias e esquecimentos” (COSTA, 2008, p. 219), os museus são “instrumentos comunicacionais e educativos” (TAMANINI, 2003, p. 80) que tem a função de transgredir seus limites espaciais enfatizando a comunicação com a comunidade por meio da formação, do conhecimento e da criatividade. A experiência deve ser trocada, difundida e dialógica com a pluralidade e a diversidade cultural. Neste sentido, “o que mantém o museu vivo é a relação dinâmica com a comunidade”, diz Leite (2006, p. 76), e continua, pois é necessário o “outro na construção do olhar”.

Diálogos possíveis – Museu e escola sempre dialogaram, mas só recentemente o visitante parou de ser visto como um espectador que deveria ser mediado, passando este a ser considerado o próprio mediador, aquele que media o que lhe é apresentado com sua própria subjetividade, tornando-se coautor do discurso museal, criando novas narrativas possíveis. Desvallées e Mairesse vão mais a fundo no conceito de mediação incluindo aí não só a intercessão “entre dois”, mas o ato de redução do espaço entre estes, aproximando-os e criando uma relação de aproximação onde possam se reconhecer e perceber

o mundo e sua própria identidade (...) o que permite que se atinja uma subjetividade tal que promova autoconhecimento e compreensão da própria aventura humana que cada um vive. (DESVALLÉSS e MAIRESSE, 2013, p. 54)

Como espaço de construção cultural/social coletivo, constante e provisório, por meio das narrativas possíveis existentes em si, o museu pode ser considerado construtor de nossas diversas identidades, ao nos apresentar as multifacetadas do mundo, confirmando sua importância no desenvolvimento humano, como espaço de educação fora da escola formal, que propicia experiências diversas, por diversos olhares e ângulos de visão. Com o reconhecimento do direito à diferença, e a função social e educativa dos museus estimulando o pensamento crítico, sua função como meio de comunicação passa a compreender a “cultura como criadora das condições necessárias para o desenvolvimento” (CÂNDIDO, IN BRUNO e NEVES, 2008, p. 53) transdisciplinar entre o sujeito, o que se preserva e o meio em que este se insere. O museu passa a ser uma ação na sociedade e não mais somente um espaço físico,

agregando a seu patrimônio uma dinâmica social, cultural, política e educacional que “aumenta a capacidade de uma coletividade de projetar seu próprio futuro e de ser sujeito ativo – e não passivo – de sua própria história, a partir da consciência que passa a ter de si mesma” (BARBUY e IN CÂNDIDO, 1989, p. 61) por meio das suas memórias, identidades e da diversidade cultural, catalisadores da evolução social.

As experiências - saberes significativos e relevantes para a vida, conforme Alonso (2014, p. 141 e 142) - são processos alquímicos de vida que proporcionam misturas e apropriações dos diversos conhecimentos tornando-os próprios seus, como cita Barbosa (2014) sendo utilizados em viagens particulares ou coletivas do sujeito, e onde a transformação, a apropriação e a instrumentação são as ações mais importantes durante a viagem. Seguindo esse pensamento, “A escola deveria esquecer a transmissão de informações e passar ela mesma a gerar conhecimento” tendo como entendimento que a educação deveria promover a “aceitação mútua pelos povos” como forma de contribuir para a estruturação de um “adulto maduro emocionalmente” (OSINSKI e ANTONIO, 2010, p. 272 e 273).

O que falamos aqui, não é novidade, mas desdobramentos de possibilidades de aprendizados por meios diversos, onde entendemos que o museu pode e deve ser parte de um destes meios, não como detentor de um conhecimento basilar, mas como detentor de possibilidades de narrativas transdisciplinares diversas e infinitas que devem fazer parte da experiência humana de se construir constantemente, como forma de integrar e participar da sociedade onde está incluído, sendo e difundindo saber, conhecimento e toda cultura proveniente desta expertise acumulada e ressignificada pelo tempo na sua trajetória de vida. O indivíduo necessita primeiro identificar seu espaço de memória particular, suas identidades, para depois conseguir fazer parte ativa e conscientemente de sua comunidade, narrando coletivamente sua cultura.

#### Referencias

ALONSO, L. Aprender em diferentes contextos: o informal, o não formal e o formal. **CNE - Conselho Nacional de Educação de Portugal**, 2014. Disponível em:

<<http://www.cnedu.pt/content/antigo/files/pub/AprendizagemVida/8-AprenderDiferentesContextos.pdf>>. Acesso em: 24 junho 2014.

BARBOSA, L. M. S. Aprender em diferentes contextos, 2014. Disponível em:

<<http://201.22.6.15/monteserrataprendizagem/aprendizagem.htm>>. Acesso em: 24 junho 2014.

BARBUY, H.; IN CÂNDIDO, M. M. D. **Museu e Geração de Cultura IN As ondas do pensamento museológico**: balanço sobre a produção brasileira. Rio de Janeiro: MINC/SPHAN/Pró-Memória, 1989.

CÂNDIDO, M. M. D.; IN BRUNO, M. C. O.; NEVES, K. R. F. **As ondas do pensamento museológico**: balanço sobre a produção brasileira; IN Museu como agente de mudança social e desenvolvimento - propostas de reflexões museológicas. São Cristóvão: Museu de Arqueologia do Xingó, 2008.

COSTA, C. M. A escrita de clio nos tempos da mnemósime: olhares sobre materiais pedagógicos produzidos pelos museus. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, p. 217-240, junho 2008. ISSN 47.

DESVALLÉSS, A.; MAIRESSE, F. **Conceitos-chave da museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013. 100 p.

LEITE, M. I. Crianças, velhos e museus: memória e descoberta. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 26, p. 74-85, jan./abr. 2006. ISSN 68.

OSINSKI, D. R. B.; ANTONIO, R. C. Exposições de arte infantil: bandeiras modernas pela construção do novo homem. **Acta Scientiarum. Education**, Maringá, v. 32, p. 269 - 285, 2010. ISSN 2.

TAMANINI, E. Museus e educação: reflexões acerca da experiência do Museu arqueológico de Sambaqui de Joinville. **PASOS Revista de Turismo y Patrimônio Cultural**, Laguna, España, v. 1, p. 79-84, enero 2003. ISSN 1.